

A contribuição dos métodos para o processo de alfabetização

Autora:**Cristina Alves Moreira**

Especialista em Docência Multidisciplinar pelo Centro Universitário UNICATHEDRAL. Docente do Centro Universitário do Vale do Araguaia - UNIVAR.

Resumo

Este estudo apresenta resultados de pesquisa sobre a contribuição dos métodos para o processo de alfabetismo, e tem como objetivo principal compreender a contribuição dos métodos para o processo de alfabetismo. Para isso, utilizou-se uma pesquisa bibliográfica baseada em autores que contribuíram para o desenvolvimento do tema como Soares (2018), Micotti (1996), Monge (2005). Este trabalho permite-nos fundamentar a hipótese de que os métodos conduzem a processos de alfabetismo quando aplicados em conjunto com métodos e apoios adequados. Efetue com que as crianças se tornem sujeitos de aprendizagem.

Palavras-chave: Sintético. Analítico. Construtivismo.

DOI: 10.58203/Licuri. 21642

Como citar este capítulo:

MOREIRA, Cristina Alves. A contribuição dos métodos para o processo de alfabetização. In: OLIVEIRA, Habyhabanne Maia (Org.). **Perspectivas e Reflexões sobre a Educação**. Campina Grande: Licuri, 2023, p. 10-22

ISBN: 978-65-85562-16-4

INTRODUÇÃO

O debate sobre a eficácia dos métodos de alfabetismo de como ensinar continuou por muitos anos até o advento da conjectura construtivista de Ana Teberosky e Emília Ferreiro, que trouxe o debate sobre o ensino da forma como as crianças aprendem. Mesmo depois de estabelecida esta visão da criança muitos ainda utilizam métodos de leitura e escrita na sala de aula.

O problema não está na utilização dos métodos e sim na forma de utilizá-los, as crianças já chegam à escola conhecendo o mundo redigido, o professor não é o dono do conhecimento é ele quem deve orientar ou ajudar essa criança não apenas ler e escrever, mas saber usar esse conhecimento no dia a dia. São considerados obsoletos e tradicionais porque não levam em consideração o processo de aprendizagem, mas apenas em relação aos métodos de ensino.

Durante a profissão os métodos foram discutidos em diversos momentos, mas o interesse pelo tema surgiu durante as aulas de alfabetização, onde houve contato com os métodos e sua importância para o processo de alfabetização. Após esse primeiro contato, as explicações se aprofundam, despertando assim a vontade de estudar o assunto e descobrir sua real importância nas aulas.

Assim surge a seguinte questão: Como esses métodos contribuem para o processo de alfabetização? E como pressuposto básico: esses métodos auxiliam no processo de alfabetização. É a abordagem que os professores usam para fornecer uma aprendizagem consistente e significativa. Neste contexto, o objetivo geral da pesquisa é compreender a contribuição dos métodos para o processo de alfabetismo, e os objetivos específicos são conhecer a história do alfabetismo e seus métodos, diferenciar os métodos de alfabetismo, descrever os métodos que contribuem a maior parte do processo de alfabetismo.

O artigo baseou-se nos princípios da pesquisa qualitativa descritiva fundamental, pois buscou descrever as metodologias utilizadas no processo de alfabetismo, trabalhando com pesquisa bibliográfica servindo como aporte teórico e ampliação do conhecimento.

A fundamentação teórica se dá por meio de leituras de Soares (2018), Micotti (1996) e Monge (2005), além de muitos outros artigos sobre o tema e de Fachin (2006), que contribuiu para a definição do objetivo ser o estudo.

Neste artigo serão relatadas algumas considerações sobre a importância dos métodos práticos de alfabetismo. A primeira seção aborda o processo histórico dos métodos de alfabetismo, a segunda trata da tendência construtivista e suas vantagens para esse processo, a terceira será construtivismo versus métodos de alfabetismo, a quarta e última fará um balanço dos resultados obtidos com o estudo em questão.

Os estudos em análise são relevantes para aprofundar a forma como o alfabetismo é ensinada e os principais benefícios da educação.

A alfabetização é tão antiga como os sistemas de escrita, pois ele foi inventado junto com as regras de alfabetização. Tais regras ajudam o leitor entender como funciona tal sistema, como usá-lo apropriadamente e decifrá-lo. A escrita surgiu de uma necessidade de representar algo, percebeu-se que nos primeiros registros os sistemas de escrita eram usados nas trocas e vendas de produtos negociados. Na época da escrita primitiva entendia-se como alfabetizado aquele que sabia ler e escrever os símbolos usados para representar à escrita.

O sistema de escrita passou por um longo período de aperfeiçoamento, muitas formas e em lugares diferentes foram inventadas e esquecidas, muitas continuaram por muito tempo, assim foram se modificando até chegar ao que temos hoje, um alfabeto composto por 26 letras.

A partir do momento em que se começou a ensinar o sistema de escrita e a leitura, tanto em casa quanto nas escolas, houve a necessidade de métodos que ajudasse nessa tarefa, dessa forma começou a serem utilizados métodos que contribuísse para a melhor aplicabilidade desse ensino.

Os métodos possuem várias definições, Soares (2018, p.16) define por métodos de alfabetização “um conjunto de procedimentos que, fundamentados em teorias e princípios, orientam a aprendizagem inicial da leitura e da escrita”. Já Micotti (1996, p.09) define como “alternativas para organizar o trabalho em sala de aula ou caminhos diferentes para chegar ao mesmo objetivo”.

Essas inúmeras definições para o termo métodos de alfabetização variam dependendo do autor ou obra estudados, mas pode se dizer que os métodos têm em comum o empenho de assegurar o acesso a linguagem escrita.

Os métodos de alfabetização agrupam-se em sintéticos e analíticos e foram criados entre os séculos XVI e XVIII e permaneceram até a década de 80 onde começaram a serem questionados, com a divulgação da teoria de aprendizagem construtivista.

Os métodos sintéticos partem dos pedaços pequenos para um todo, os analíticos partem do todo para os pedaços pequenos e os mistos é a junção dos dois anteriores. Os métodos sintéticos são divididos em alfabético, fônico e silábico, já os analíticos em palavração, sentencição e global de contos ou historietas (esse muda a nomenclatura dependendo do autor).

No Brasil no fim do século XIX com a Proclamação da República começou a se instalar uma nova ordem política, as escolas começaram a ser mais vistas, pois saber ler e escrever era essencial para o progresso e modernização da república, Rangel afirma que:

[...] saber ler e escrever era considerado privilégio, e esse “saber” permitia o acesso para um desenvolvimento social, considerado como cultura de poucos. A alfabetização que era ministrada apenas nos lares passou a ser pautada como obrigação dentro das escolas gerando objetos de aprendizagem para poder atingir a universalização do letramento, com métodos facilitadores que pudessem alcançar a todos. (RANGEL, 2017, p. 498).

As escolas eram desorganizadas, as aulas eram ministradas em salas improvisadas, as series eram misturadas em luars pouco apropriados, as escolas começaram a ter papel político-social de esclarecer as massas iletradas da importância de saber ler e escrever, “As práticas de leitura e escrita passaram, assim, a ser submetidas a ensino organizado, sistemático e intencional, demandando para isso, a preparação de profissionais especializados” (MORTATTI, 2006, p. 2).

Nessa época existia pouco material que auxiliava o professor, para o ensino da leitura eram utilizados os métodos sintéticos que partem das “partes para o todo” (MORTATTI, 2004, p.5). Esses têm em comum o aprendizado por associações repetidas e ir do simples ao complexo, presume que juntando os pedaços menores a criança estabelece relação entre a fala e a escrita e compreende o sistema de escrita. Entre os métodos sintéticos estão o alfabético que parte das letras, o silábico que parte das silabas e o fônico que parte dos sons das letras.

O mais antigo entre os métodos sintéticos está o método analítico que “consistia em apresentar partes mínimas da escrita, as letras do alfabeto, que, ao se juntarem umas às outras, formavam as silabas ou partes que daria origem as palavras” (FRADE, 2005, p. 23).

O professor começava por ensinar todas as 26 letras do alfabeto, o aluno decorava todas, juntava uma na outra para formar sílabas, até acabar com todas as combinações, “no ensino predominava a despreocupação com os aspectos psicológicos ou com as dificuldades dos alunos. A escrita gradua-se pela sequência: - letras isoladas, sílabas, palavras, frases curtas, textos” (MICOTTI, 1996, p.12).

Algumas escolas tinham apoio de materiais impressos para os alunos, outras apenas o professor possuía esse recurso. Depois de estudar as letras, sílabas e palavras começavam a escrever frases, essas não importavam se tinha sentido para a criança, sempre eram soltas sem significados, iguais os textos estudados. Atualmente o método alfabético passou por algumas modificações, mas permanece nas salas de aula.

No método Fônico a unidade mínima a ser analisada é o som, o professor ensina a relação que tem o som e letra, para relacionar a fala com a escrita. Normalmente as vogais são as primeiras a serem estudadas, depois juntam na composição das sílabas e das palavras, esse ritual é considerado mecânico para alguns autores, pois dá muita ênfase a decifração dos códigos, mas não se preocupa com o significado desses para as crianças.

Com algumas dificuldades em sua aplicabilidade em sala de aula foram criadas mudanças no método, os professores começaram a usar desenhos de objetos que se parecesse com a letra para ter uma melhor associação, exemplo era utilizado uma mangueira espirrando água para representar a letra J, associando a percepção visual ao som.

No método silábico a unidade a ser estudada é a sílaba, primeiro é trabalhado as vogais e suas junções dão origem às sílabas. Mendonça explica que:

No método silábico, ensina-se o nome das vogais, depois o nome de uma consoante e, em seguida, são apresentadas as famílias silábicas por ela compostas. Ao contrário do fônico, no método da sílabação, a sílaba é apresentada pronta, sem se explicitar a articulação das consoantes com as vogais. Na sequência, ensinam-se as palavras compostas por essas sílabas e outras já estudadas. (MENDONÇA, 2011, p. 27).

Esse método caracteriza as sílabas como complexas e simples, o ensino começa com as simples e só depois vai para as complexas, são utilizados pequenos textos com as sílabas a estudadas e algumas novas, dessa e somente dessas se formam mais palavras. O método

deixa a criança presa em textos monótonos e desinteressantes, mas com ponto positivo ele apresenta as sílabas e não os sons, quando se fala é pronunciado sílabas assim fica mais fácil à associação com as palavras. Frade explica que:

No desenvolvimento do método, geralmente é escolhida uma ordem de apresentação, feita segundo princípios calcados na ideia “do mais fácil para o mais difícil”, ou seja, das sílabas “simples” para as “complexas”. Em várias cartilhas dos métodos silábicos geralmente são apresentadas palavras-chave, utilizadas apenas para apresentar as sílabas, que são destacadas das palavras e estudadas sistematicamente em famílias silábicas. Estas são recompostas para formar novas palavras e frases, apenas com as sílabas estudadas. (FRADE, 2007, p. 24).

Esse método é o mais utilizado nas salas atualmente, apesar de serem considerados tradicionais ainda permanecem na alfabetização.

Em 1890 começou em São Paulo a reforma da instrução pública, que “do ponto de vista didático, a base da reforma estava nos novos métodos de ensino, em especial no então novo e revolucionário método analítico para o ensino da leitura” (MORTATTI, 2006, p. 06).

O método analítico parte do todo para as partes, começa pelo mais difícil teoricamente, buscando romper com a decifração, nele o processo de alfabetização era considerado mais lento, mesmo assim foi bem visto pelos professores, por “acentuarem a importância da compreensão na aprendizagem, valorizar a utilização de materiais didáticos para a leitura com sentido”. (MICOTTI, 1996, p. 15).

Esses partem sempre de um contexto ou realidade próxima à criança, priorizando a compreensão e análise do texto. Carvalho (2007, p. 57) recomenda que “a seleção da unidade inicial (texto, frase ou palavra) seja feita em função do significado, do interesse que possa despertar, da ligação com o contexto e a realidade dos alunos e não em função das relações entre letras e sons”.

Sobre os métodos analíticos Frade afirma que:

Buscando atuar na compreensão, estes defenderam a inteireza do fenômeno da língua e dos processos de percepção infantil. Estes métodos tomam como unidade de análise a palavra, a frase e o texto e supõem que baseando-se no

reconhecimento global como estratégia inicial, os aprendizes podem realizar posteriormente um processo de análise de unidades [...] (FRADE, 2007, p. 26).

O método defende que a leitura é um ato audiovisual e global, que se subdivide em palavrção, sentencição e global de contos ou historietas.

Para alguns autores Comênio é apontado como o responsável por apresentar o método da palavrção no século XVII. No Brasil em meados do século XX a eram utilizados nas escolas experimentais e mais tarde foram para as salas regulares.

O método de palavrção consiste em apresentar uma palavra-chave, normalmente retirada de músicas, histórias, propaganda, ou nomes de pessoas, animais, cidades, brinquedos etc., algo com significado para a criança. Assim irão decorar ou aprender as palavras pela sua configuração gráfica e da visualização.

Essas palavras não são divididas em simples o complexas, são escolhidas conforme a familiaridade da criança com ela, para ajudar na memorização podem ser utilizadas ilustrções que represente a palavra.

Conforme Mendonça os métodos de palavrção:

[...] partem de uma unidade que possui significado, para então fazer sua análise (segmentação) em unidades menores. Por exemplo: toma-se a palavra (BOLA), que é analisada em sílabas (BO-LA), desenvolve-se a família silábica da primeira sílaba que a compõe (BA-BE-BI-BO-BU) e, omitindo a segunda família (LA-LE-LI-LO-LU), chega-se às letras (B-O-L-A) (MENDONÇA, 2011, p. 28).

Para auxílio nas atividades são utilizados ficas ou cartões de fixação, com gravuras e palavras para associação, e exercícios sinestésicos para o aprimoramento da escrita.

O Método da Sentencição a unidade a ser estudada é a frase, que pode ser criada por alunos ou professor, que tenha significado para as crianças, podem ser utilizadas poesias, músicas, ideias, falas cotidianas etc., depois essa frase é decomposta em palavras e sílabas. O método consiste “em escrever a frase (ou sentença) no quadro negro; em seguida esta é lida pelo professor, observada e “lida” várias vezes pelos alunos e comparada com outras já conhecidas. Por repetição, pouco a pouco, os alunos conseguem diferenciar as várias frases ou sentenças” (MICOTTI, 1996, p. 17).

Os professores precisam estar atentos à escolha da frase, pois precisa cultivar o interesse da criança, e ter cuidado para não perder tempo com a memorização da frase e não dar atenção a análise dessa.

Dentre os analíticos o Método Global de Contos ou Historieta é considerado o mais recente, datado do fim do século XIX, onde começou se a perceber a facilidade das crianças em decorar pequenos textos, surgiu assim o Método Global de Contos, que parte de pequenos textos. No Brasil começou a ser utilizado no começo do século XX, nessa época muitas escolas contavam com cartilhas que continham os textos, que é lido para o reconhecimento de suas sentenças.

Os textos também podem ser criados pelos alunos junto com o professor, ou retirados de revistas, histórias infantis ou músicas, esses podem ser ilustrados para melhor compreensão das crianças.

Nesse método textos são apresentados e são realizadas atividades até que seja reconhecida cada parte do mesmo, Micotti afirma que:

[...] cada sentença “partes” com significados é estudadas, depois as palavras que compõem são identificadas, novas sentenças são formadas. Finalmente, são contrastados elementos de algumas palavras e é feito a análise fonética. Mediante o processo de decompor e compor palavras o aprendiz desenvolve meios para abordar palavras desconhecidas (MICOTTI, 1996, p. 18).

São utilizadas atividades de “siga o modelo”, cópias, ditados e listas, com os alunos, para fixar o conhecimento.

Durante quase todo o século XX se instalou uma competição entre os métodos analíticos e sintéticos, cada qual tinha seus defensores, Soares afirma que assim surgiu o movimento pendular que:

Ora a opção pelo princípio da síntese, segundo a qual a aprendizagem da língua escrita deve partir das unidades menores da língua - dos fonemas, das sílabas - em direção as unidades maiores - a palavra, a frase, ao texto (método fônico, método silábico); ora a opção pelo princípio da análise, segundo ao qual essa aprendizagem deve, ao contrário, partir das unidades maiores e portadoras de sentidos - a palavra, a frase, o texto - em direção as unidades menores (método da palavração, método da sentencição, método global) (SOARES, 2018, p. 18).

No entanto alguns profissionais buscavam conciliar os dois métodos de ensino da leitura e escrita, começaram assim a ser usado os métodos mistos que “caracterizam se pela simultaneidade, no âmbito de uma aula ou lição, das atividades de compor e decompor e vice-versa (MICOTTI, 1996, p. 18). Nessa época as apostilas começaram a se basear majoritariamente nos métodos mistos, que vinham acompanhados de manual de professor.

Impossível falar dos métodos sem falar das tendências pedagógicas, uma das mais usadas no Brasil é a linha construtivista, que segue os métodos analíticos, onde o aluno é estimulado a pensar sobre a escrita, assim construindo seu próprio conhecimento por tentativas de escrita.

O Construtivismo é uma teoria datada do século XX, baseado nos estudos do filósofo Jean Piaget, “o qual explica como se dá o desenvolvimento da inteligência, através de suas observações científicas e rigorosas, de crianças, desde o nascimento até a adolescência. Piaget analisou o processo de aquisição do conhecimento a fim de descobrir a gênese do conhecimento centrada na ação do sujeito” (FONTES E BENEVIDES, 2013, p. 05).

Essa teoria psicológica foi desenvolvida e apresentada por Emília Ferreiro e Ana Teberosky, que busca compreender o percurso percorrido pela criança tentando compreender a escrita, ou seja, os processos envolvidos para a construção desse conhecimento. Mortatti comenta que:

Deslocando o eixo das discussões dos métodos de ensino para o processo de aprendizagem da criança (sujeito cognoscente), o construtivismo se apresenta, não como um método novo, mas como uma revolução “conceitual”, demandando, dentre outros aspectos, abandonarem-se as teorias e práticas tradicionais, desmetodizar-se o processo de alfabetização e se questionar a necessidade das cartilhas (MORTATTI 2006, p. 10).

As escolas construtivistas seguem os níveis de desenvolvimento cognitivo, permitem que as crianças construam seu próprio conhecimento com a mediação do professor, usado de forma individual ou coletiva, trabalha os conhecimentos que as crianças já possuem, utiliza uma junção da língua falada, escrita e a leitura num mesmo processo, sendo

aplicado a qualquer criança.

A chegada dessa teoria fez com que as escolas repensassem a forma de ver seus alunos e começaram a compreender que:

- Um método ou uma única direção não é determinante da aprendizagem e que é preciso considerar o processo do aprendiz.
- O contexto escolar deve propiciar a experimentação em torno da escrita [...].
- O material usado na escola deve ser aquele que representa a diversidade de uso da escrita existente na sociedade.
- É necessário [...] saber em que nível de compreensão da escrita o aluno se encontra.
- É fundamental que o professor conheça as teorias sobre o “como se aprende” para interpretar os resultados apresentados pelos alunos. -A escrita e a leitura devem ser aprendidas em uso social (FRADE, 2005, p. 40).

Esses princípios desloca o foco do professor para o aluno, sujeito responsável por sua aprendizagem, o professor será um mediador do conhecimento, que passará a usar práticas pedagógicas de estímulos com seus alunos. Segundo Fontes e Benevides o construtivismo vê a criança como:

[...] sujeito dos processos de aprendizagem, isto é, o sujeito cognoscente que aprende, que procura ativamente compreender o mundo em que está inserido, que interroga, que busca o conhecimento, que constrói o significado próprio e pessoal do objeto de conhecimento e não simplesmente espera que alguém que sabe o transmita (FONTES E BENEVIDES, 2013, p. 06).

Essa tendência de aprendizagem baseia-se nas decisões tomadas pelo aprendiz, levando em contas as explicações adequadas recebidas pelo professor, que irá indicar o caminho a ser seguido. O aluno não só aprende, mas aprende a aprender.

O uso de métodos de alfabetização e a teoria construtivista é base de inúmeras discussões nas escolas atualmente, mesmo taxados como tradicionais, os métodos de alfabetização (analíticos e sintéticos) ainda persistem nas escolas, são duramente criticados pelos adeptos as teorias de Emília Ferreiro, pois são usados como fórmula mágica que resolve todos os problemas em sala, mas os métodos sozinhos não fazem milagres, Soares afirma que:

[...] uma alfabetização bem sucedida não depende de **um método**, ou, genericamente, de **métodos**, mas é construída por aqueles/aquelas que alfabetizam compreendendo os processos cognitivos e linguísticos do processo de alfabetização, e com base neles desenvolvam atividades que estimulem e orientam a aprendizagem da criança, identificam e interpretam dificuldades em que terão condições de intervir de forma adequada - aqueles/aquelas que **alfabetizam com métodos** (SOARES, 2018, p.333).

Alfabetizar com métodos consistem em conhecer o processo de alfabetização e orientar com segurança esse caminho.

Mais importante que conhecer as letras e seus sons é saber compreender, ver significado e sentido no que está escrito, essa deve ser a preocupação dos professores, ensinar alfabetização e letramento. Não é uma tarefa fácil, pois não pode ficar apenas apoiados nos métodos, precisa conhecer principalmente como a criança aprende, saber organizar o tempo e o espaço de sala, escolher as melhores matérias, observar o conhecimento que a criança a trás de casa, perceber se estão aprendendo, assim fazendo uma avaliação de sua forma de ensino.

Conforme Fontes e Benevides:

[...] letrar tem a função de inserir e familiarizar a criança com as diversas práticas e usos sociais da leitura e da escrita que se concretizam através da apropriação e uso dessas dentro da sociedade, compreendendo quais as funções da língua escrita, para que serve, que utilidade possui em sua vida, onde e porque usá-la, etc., tornando a escrita como parte da própria vida, como forma de expressão e de comunicação (FONTES E BENEVIDES, 2013, p. 08).

Os métodos de alfabetização possuem pontos negativos e positivos, possuem lacunas em seus procedimentos, cabem ao professor usar atividades que supram essas necessidades, e ir além, buscar inovações, formas variadas de alfabetizar e letrar para que esse sujeito cognoscente saiba usar o que aprendeu em seu convívio social, atuando de forma crítica no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo baseou-se em uma pesquisa bibliográfica com a necessidade de entender a forma que os métodos contribuem para o processo de alfabetização.

Os métodos se bem entendidos e usados podem contribuir para processo de alfabetização, mas devem ser entendidos como sugestões de ensino, não são fórmulas mágicas e não devem ser considerados “heróis”, pois sozinhos deixam o ensino monótono, repetitivo e baseado em decorar, precisam ser utilizados acompanhados de técnicas e materiais complementares.

Assim método não é uma receita para a vida, cada criança é diferente, cada professor é diferente, muitas vezes um método que deu certo para aluno A não tenha resultado com aluno B, cabe ao professor estar sempre atento para buscar novas alternativas em sua jornada de forma a propiciar aos seus alunos um conhecimento significativo.

O professor também precisa mudar se papel nas escolas, não são o principal responsável por ensinar, as crianças antes de entrar na escola já têm contato com o mundo escrito, cabe ao professor mediar e ensinar essa criança a chegar ao conhecimento, para isso precisa saber como ela aprende e estar aberto para mudar sempre que suas técnicas não forem eficientes.

Espera-se que esta pesquisa possa contribuir para um melhor olhar nas questões dos métodos, para que os professores possam entender que alfabetização vai muito além de métodos e não métodos existem inúmeros fatores que precisam ser considerados nesse processo.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Marlene. Guia Prático do Alfabetizador. 5 ed. São Paulo: Ática, 2007.

FACHIN, Odília. Fundamentos de Metodologia. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

FONTES, Francicleide Cesário de Oliveira, BENEVIDES, Araceli Sobreira. Alfabetização de crianças: dos métodos à alfabetização em uma perspectiva de letramento. Vitória da Conquista - BA, 2013.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer de professores: caderno do professor. Belo Horizonte: CEALE/FaE/ UFMG, 2005.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais. Educação. Santa Maria, 2007.

MICOTTI, Maria Cecilia de Oliveira. Alfabetização estudos e pesquisas. Rio Claro, 1996.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. História dos métodos de alfabetização no Brasil. Portal MEC, 2006.

RANGEL, Franciele de Azevedo. SOUZA, Emmily Cristina Firmino de. SILVA, Ana Carla de Azevedo. Métodos Tradicionais De Alfabetização No Brasil: Processo Sintético E Processo Analítico. Revista Includere, 2017.

SOARES, Magda. Alfabetização: A questão dos métodos. 1º ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.